

GRAŻYNA JADWISZCZAK

Universidade Adam Mickiewicz, Poznań

porto@amu.edu.pl,

CHAPADÃO – UM PEDACINHO DA POLÓNIA NO BRASIL

Abstract. Grażyna Jadwiszczak, *Chapadão – um pedacinho da Polónia no Brasil* [Chapadão – a little piece of Poland in Brazil], *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XXXIX/4: 2012, pp. 127-142. ISBN 978-83-232-2510-2. ISSN 0137-2475. eISSN 2084-4158.

The present paper is devoted to a small community of Polish descent settled in Chapadão, located in the state of Santa Catarina, in the south of Brazil. The area of research involved personal encounters, talks and interviews conducted in Chapadão from 2008 to 2010. Additionally, surveys were carried out via electronic mailings with residents of that area. The surveys inquired about the history of Brazil, the Polish immigration scattered throughout the country and the specific problems of the contemporary Brazilian society. The main part of the study focuses on issues currently dealt with by the people of Polish origin settled at this specific part of the Brazilian inland. The specific issues raised in this section comprise: the history of the community as it is held in its collective memory, the maintenance of ancestral traditions (folk style of clothes, music and cooking, religious rites, etc.), the community's economic expansion (based on some statistical data, as well) and some peculiar traits of the Polish language spoken in Chapadão. The study accounts for how such small and seemingly forgotten Polish communities, living in peripheral areas, succeed in preserving spiritual links with their country of origin, even in the era of the world's becoming a global village.

Key words: Brazil, Chapadão, colonization, emigration, Polish diaspora

1. PRÓLOGO – “O MEU BRASIL”

Em junho de 2006 tive a honra e um enorme prazer de desempenhar o papel de tradutora-intérprete durante a visita do Prof. Celso de Oliveira Souza, Reitor da universidade brasileira UNIBAVE – Centro Universitário Barriga Verde de Orleans, Santa Catarina e da Dra. Marlene Zwierewicz, na altura Coordenadora de Pesquisa e Relações Internacionais da mesma instituição, à Universidade Adam Mickiewicz de Poznań. Os visitantes apresentaram a proposta de cooperação bilateral entre as duas universidades e o pedido de ajuda na construção da Casa da Polónia no Chapadão – a povoação habitada pela população de etnia polonesa. Durante o encontro, mostraram um curto documentário amador em formato DVD com o título intrigante “Cultura

Polskie”. Ao longo de alguns minutos, podíamos observar na tela do notebook as paisagens exóticas e encantadoras que constituíam o pano de fundo para silhuetas de pessoas sorridentes, com feições bastante europeias, até eslavas, que falavam para nós numa língua encantadora, num Polonês arcaico-dialetal. Eram nossos compatriotas do Brasil desconhecido. Todos os presentes ficaram profundamente emocionados.

Nas conversações soubemos que a Universidade representada por nossas visitas está situada numa região onde moram descendentes de emigrantes de etnias muito diversificadas, alemães, italianos, letos, lituanos, portugueses, russos e, certamente, poloneses. As autoridades do UNIBAVE, inspiradas por este fato, decidiram incluir, no âmbito de suas atividades sócio-ambientais, iniciativas com a finalidade de conhecer e valorizar as culturas e línguas dos pioneiros europeus que colonizaram estas terras e continuam a viver e trabalhar aqui. Uma parte deste projeto multidimensional visava à população de descendência polaca, especialmente à comunidade polonesa do Chapadão. As simpatias pró-Polônia da parte dos acadêmicos brasileiros e seu empenho resultavam também de seus laços familiares: a jovem nora e a netinha do Sr. Reitor são “polonesas”, o já falecido pai da Sra. Zwierewicz era natural de Łódź.

O protocolo entre o UNIBAVE e a UAM foi assinado em 2007. Além das finalidades tipicamente acadêmicas previa “empenhar esforços a fim de criar o Centro de Língua e Cultura Polonesa no campus do Centro Universitário Barriga Verde – UNIBAVE com o objetivo de difundir, qualificar e valorizar o imigrante polonês na formação do povo brasileiro”¹. Graças a este convênio e à generosidade das duas Universidades tive a oportunidade, ou, mais exatamente, uma grande felicidade, de visitar três vezes o Chapadão. Todas as viagens foram incríveis, cada uma única e excepcional.

A primeira ocorreu em novembro de 2008. A convite do UNIBAVE, participei no “III Congresso Internacional de Educação UNIBAVE: Educar na e para a diversidade”, quando proferi uma comunicação sobre a cooperação internacional da UAM, o ensino das línguas estrangeiras nesta Universidade e a situação da língua portuguesa na Polônia e em Poznań. Durante aquela viagem, pela primeira vez encontrei os poloneses do Chapadão. O encontro teve lugar na praça central do Chapadão, onde se avizinham o cemitério local, a Igreja Santo Adalberto (*Wojciech*, em Polonês) e o salão da Igreja – espaço das reuniões e festas comunitárias. Fui a primeira “polonesa da Polônia” no Chapadão. No domingo de manhã participei numa Santa Missa, muito solene, precedida pela parte oficial das celebrações composta pela execução dos hinos nacionais, polonês e brasileiro, alguns discursos e troca de presentes. A Missa foi celebrada em Polonês pelo Padre Ivan Macieski – convidado especialmente para esta ocasião – também ele descendente de colonos poloneses e ex-aluno do Seminário da Sociedade de Cristo de Poznań. Logo depois, confraternizamos-nos, já no ambiente de festa brasileira, deliciando-nos com a riqueza da comida extremamente gostosa,

¹ Termo de Cooperação entre a Universidade Adam Mickiewicz de Poznan e o Centro Universitário Barriga Verde – UNIBAVE, art. 3, ponto 7.

com conversas altas e animadas e com a música regional. Várias visitas e encontros preencheram meus três dias seguintes – àquela altura cheguei a conhecer muitas famílias em suas casas, fazendas e locais de trabalho. Em todos os lugares, fui recebida com cordialidade e benevolência cativantes, bem como com traços típicos destes brasileiros-poloneses: simplicidade, tato e modéstia. Foi um tempo de enorme alegria e de muita comoção.

Na segunda vez, visitei o Chapadão em outubro de 2009. Desta vez, o Sr. Prof. Doutor Jacek Witkoś, Pró-reitor da Universidade Adam Mickiewicz, na qualidade de representante da UAM, realizou a visita oficial ao UNIBAVE e ao Chapadão. A Universidade de Orleans e toda a comunidade polonesa daquela região esperaram impacientemente por este acontecimento um ano inteiro. Durante o “IV Congresso Internacional de Educação UNIBAVE: Cultura e sustentabilidade – do local ao universal”, “O Reitor polaco” desenhou um retrato multifacetado da Alma Mater posnaniense e durante o encontro com a comunidade local e, junto com o Reitor do UNIBAVE, inaugurou o monumento em homenagem aos pioneiros poloneses nos territórios de Orleans e Grão Pará. Nessa ocasião, visitei novamente os que já eram meus amigos e, no âmbito dos workshops que constituíam parte do IV Congresso UNIBAVE, tive a oportunidade de dar uma aula de Polonês destinada aos membros da comunidade polaca e todos os interessados. Na sala de aula reuniram-se alunos com idades bem variadas – de quatro a algumas dezenas de anos. Um evento muito especial e imensamente agradável foi o lançamento da primeira monografia dedicada à comunidade polonesa do Chapadão intitulada: *Da ‘Polska’ à terra prometida. O legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão/Orleans*.

Pela terceira vez, voltei em setembro de 2010 e passei um mês no meio de nossos compatriotas: morava com eles, visitava várias famílias e à tardinha ensinava a voluntários a língua e (teoricamente) a cozinha polonesas. Nessa altura dos acontecimentos, a Sra. Consulesa da República da Polônia, Dorota Barys, antes aluna da Filologia Espanhola da UAM de Poznań, recebeu representantes do UNIBAVE, da Associação Cultural dos Descendentes de Poloneses da Encosta da Serra Catarinense – APOLSCA e a mim no Consulado da Polônia em Curitiba, Paraná. Um ano depois, a Sra. Consulesa visitou o Chapadão causando uma enorme alegria e orgulho patriótico junto da comunidade.

2. CHAPADÃO – MAS ONDE É ISTO?

A pergunta, apesar de ser tão básica, é muito bem fundamentada, porque, até a “revelação” da comunidade do Chapadão iniciada pelo UNIBAVE, nem o Consulado da Polônia de Curitiba sabia da existência dela. Aquele grupo, como se empurrado para um canto topográfico e histórico, vivia, há quase 150 anos, em conformidade com seu

próprio ritmo – autossuficientemente. Embora há cerca de 10 anos tenha começado a sair gradualmente da sombra existencial e social, o Chapadão continua a manter sua especificidade, que tanto determina sua identidade como, simultaneamente, molda sua mentalidade coletiva específica.

A palavra portuguesa *chapadão* é aumentativo (a forma de expressão verbal predileta dos brasileiros que exprime, não somente, o tamanho significativo, mas também a vivacidade, entusiasmo, força ou multiplicação) do substantivo *chapada* que, por sua vez, significa “planalto, esplanada no alto de um monte, de uma serra”². A pequena pátria desse grupo modesto de imigrantes instalado nas vales e encostas da belíssima Serra Geral, situada na parte sudeste do Estado de Santa Catarina, é realmente um lugar encantador, um terraço pitoresco rodeado pelas montanhas misteriosas. Encontra-se à distância, respetivamente, de 22 e 25 quilómetros das sedes de dois municípios, as cidades de Grão Pará e Orleans, aos quais pertence o território deste interior³. Tradicionalmente, o nome “Chapadão” aplica-se a duas comunidades vizinhas muito espaçosas, nomeadamente ao próprio Chapadão e ao Morro da Palha. O nome desse último local também descreve sua beleza natural – as casas pousaram em cima duma colina, o tal *morro*, antigamente coberta pela *palha*, como tradicionalmente se apelida um tipo de vegetação que faz lembrar junco, altos fetos e ervas. Atualmente, estas plantas continuam a crescer ali mas é provável que não sejam tão viçosas como dantes. Nenhum meio de transporte chega ali. A próxima paragem de ônibus é em Brusque do Sul, a uns oito quilómetros de distância, que se pode percorrer exclusivamente dispondo de um meio de transporte próprio – a pé (para os resistentes e bem treinados), a cavalo (cultivando a tradição dos caubóis sudbrasilieiros chamados gaúchos), de motocicleta (o meio de transporte preferido da juventude escolar), de trator (ao volante destes veículos podem-se ver inclusive crianças de poucos anitos... porque a Polícia não anda por ali) ou de carro (por causa do estado das estradas – de chão batido e esburacadas – aconselha-se um automóvel com o motor potente e a propulsão em quatro rodas). Quase ninguém se arrisca andar por ali de bicicleta, mesmo que as vistas lindíssimas e bicicletas encantadoras, de produção nacional com o quadro de barra circular, convidem para a aventura. Contudo, a configuração colinosa de terreno conseguiu afugentar eficazmente os aventureiros mais ousados (a bicicleta seria, certamente, um meio de transporte perfeito para os turistas curiosos de tudo, mas esses não aparecem pelo Chapadão e arredores). Ao querer atravessar os espaços gigantescos que separam o Chapadão de outros locais no Brasil ou no largo mundo, o mais confortável e mais seguro é viajar de avião, partindo dos aeroportos da capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (a 220 km, aproximadamente) ou de Curitiba, a capital de Paraná, o Estado vizinho (a 420 km, idem).

² *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009). Curitiba: Editora Positivo, p. 449.

³ „Interior [...] 6. Em país litorâneo, a região situada costa adentro. 7. Toda a região de um estado, com exclusão da sua capital”. *Ibidem*, p. 1120.

3. MEMÓRIA – A HISTÓRIA DO CHAPADÃO

No Memorial, que a partir do dia 15 de outubro de 2009 homenageia os pioneiros polacos que se estabeleceram nos terrenos dos municípios de Orleans e Grão Pará, encontra-se a seguinte lista de sobrenomes notados com a ortografia vacilante da tradição já imigratória: Slachta, Stawiarski, Ruzanski, Vargascki, Klima, Kupinski, Siminski, Hereck, Wronski, Kazmierczak, Tyburski, Selinger, Dembiński, Strzalkowski, Siepierski, Pietrzak, Danielski, Anczyc, Wasilewski, Kawka, Wojciechowski, Bonk, Petroski, Antkiewicz, Novalski, Woichoskoski, Angulski, Lisieski, Pahohek, Gaidizinski, Stepaniacki, Rzatki, Macieski, Fabisiak, Chylinski, Zawaski, Jabłoński, Wrzeszcz, Martinkoski, Badziaki, Radwanski, Spancerski, Barzenski, Sufinski, Demay, Putrikus, Krajewski, Wasniewski, Laipelt, Novadeziki, Schafrasnski, Matuchaki, Lubawy. O grau e a forma de deformação da figura primária do sobrenome poderiam constituir uma das pistas a seguir nas pesquisas dedicadas à gênese das famílias e a suas peripécias na nova terra.

As famílias dos poloneses do Chapadão emigraram da Polônia no período da década 60 até 90, no século XIX. Pelo menos tal narrativa funciona na memória coletiva dos descendentes contemporâneos dos pioneiros que chegaram à América na onda da chamada “febre brasileira” (Kula, 1987 : 91-106). O primeiro historiador da região, o Padre João Leonir Dall’Alba (2003 : 149), fornece a informação, repetida depois por outro investigador, Maurício da Silva Selau (2009 : 119-133), segundo a qual a colonização do Chapadão por poloneses começou nos anos 90 do século XIX. A maioria das famílias dos habitantes atuais não chegou ali diretamente, mas depois de peregrinações anteriores pelo sul brasileiro. Mudaram para lá nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX, entre outros, de Acciola de Vasconcellos (atualmente Cocal do Sul), Braço Esquerdo, Rio Minador, Linha Batista ou Três Barras. Os documentos do país de origem e dos primeiros anos de emigração quase não sobreviveram – perderam-se durante a viagem longa e fatigante da Europa ou já no período das migrações no território brasileiro. A procura das raízes genealógicas é uma tendência bastante jovem, despertada pela moda e ilusão da onipotência da Internet. Os efeitos das tentativas de contatar com a família na Polônia por enquanto são bastante pobres e a pergunta “Vivem ainda na Polônia...?, A senhora conhece na Polônia...?” – aqui se segue o sobrenome do autor da pergunta – continua a ser o meio popular, infelizmente tão ineficaz quanto comumente, de se completar a genealogia familiar ou até de descobrir os eventuais parentes e afins. Esta tarefa complica-se ainda pelo fato de que os sobrenomes poloneses tradicionais usados atualmente no Chapadão situam-se bem longe tanto dos protótipos originais, bem como das formas concordantes com as normas do Polonês- padrão. As distorções são numerosas e muito diversificadas e assim também os graus de deformação são múltiplos. Geralmente, acontece o uso da forma popular ou dialetal de plural de substantivo com sentido da forma básica, singular, como é no caso dos sobrenomes Badziaki ou Matuchaki. Outras for-

mas testemunham o esforço audaz, nem sempre totalmente feliz, de algum escritor brasileiro a tentar registrar, de ouvido, em conformidade com a lógica da Ortografia Portuguesa, os sons dos nomes polacos – assim Nowacki chama-se Novadeziki e Pachołek, Pahohek. Frequentemente, o mesmo sobrenome evolui em diferentes direções e, como resultado, funcionam paralelamente várias versões do mesmo (p.ex.: o sobrenome Radwański assume formas Radvanski, Radovanski e Raduvinski). Há também sobrenomes tão profundamente alterados que a operação de adivinhar a forma primária seria um grande desafio.

A memória dos habitantes contemporâneos do Chapadão, mesmo desses que já viveram os seus 70, 80 ou 90 anos, guarda poucas lembranças do país dos avós ou bisavós. A explicação dessa situação parece ser simples e confirma-a a maioria dos entrevistados – antigamente a criança⁴ não participava nas conversas dos adultos – era mandada embora ou ela própria fugia, por timidez ou medo dos desconhecidos, pulando para fora pela janela. Por isso, os adultos de hoje lembram-se somente de tanto quanto, por acaso, ouviram ou escutaram espertamente às escondidas. Os progenitores sobrecarregados de trabalho, sobretudo o pai, habitualmente conversavam pouco com os filhos (algumas pessoas lembram que ouviam seu pai só de madrugada, quando este distribuía entre os membros da família as tarefas para executar durante o dia inteiro). Alguém se lembra de que a avó dizia que havia muita pobreza na Polônia; outro recorda que também a avó, durante toda a vida, sonhava com o regresso para o país natal onde se sentia melhor. Ninguém sabe de onde exatamente os antecessores chegaram, citam tais nomes como Varsóvia ou Cracóvia, mas é difícil avaliar a veracidade dessas informações e afirmar se é o conhecimento real de seu próprio passado ou o efeito do conhecimento bem modesto acerca da Polónia e se os nomes citados são somente os únicos topônimos polacos conhecidos. Talvez a análise da língua polonesa cultivada em cada uma das famílias possa servir de uma pista interessante e prometedora na busca das origens dos poloneses do Chapadão. Ainda hoje é possível pescar destas linguagens alguns traços dialetais, como “io” proveniente da Silésia, na fala da família Slachta, ou o sotaque cantante do leste.

A própria viagem ganhou já características nítidas de mito: sabe-se que era longa e dura, que demorava de 3 a 6 meses e que o navio era sujeito a caprichos do vento, às vezes favoráveis, outras vezes desvantajosos. Conta-se que muitas pessoas não sobreviveram à dureza da viagem, que as crianças morriam em massa e que o mais trágico era “enterrar” os corpos no oceano.

Os poloneses chegaram ao Chapadão como a última nação. Antes deles essas terras eram colonizadas por italianos, alemães ou portugueses. Os descendentes de todos esses pioneiros são hoje vizinhos, vivem em paz uns com os outros e criam famílias “mistas”. Todos eles são e se sentem brasileiros. Nas histórias contadas, porém, continua a soar uma nota de complexo de inferioridade, como se fossem “os piores”,

⁴ Na língua do povo polaco „dziecioki”.

“os últimos”, “os empurrados para o canto”. Surge também o motivo do “polaco sem bandeira” – este que não tem a pátria além do oceano e que não recebe apoio do governo de seu país⁵.

Os poloneses, ao chegarem ao Chapadão, encontraram ali, além dos ex-europeus, os indígenas⁶ – os índios a quem chamavam coloquialmente “*bugry*” ou, por causa da cor de pele, “*szarki*”⁷. Ninguém se lembra de nenhuma manifestação de agressividade da parte deles. Na memória das gerações modernas os índios são lembrados como pessoas calmas e pacíficas, mas também, dum certo modo, “selvagens” – costumavam aparecer inesperadamente saindo à noite da escuridão da floresta – e desconhecidos (pode surpreender quão pouco se sabe sobre eles – ouvi dizer até umas afirmações seguintes cheias de hesitação: “não se sabe por certo se esses *bugry* realmente existiam” ou “não se sabe se esses *bugry* realmente eram gente”). Até hoje, por ocasião dos trabalhos no campo, os agricultores eventualmente encontram no solo farpas de setas indígenas.

4. AS ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DERRETENTES⁸

Atualmente, no Chapadão e no Morro da Palha vivem 55 famílias, nas quais pelo menos uma pessoa tem a proveniência polaca⁹. No total, são aproximadamente 150 pessoas. Ao longo das últimas décadas, saíram dali cerca de 60 famílias que se instalaram em Orleans, Grão Pará, Invernada, Rio do Meio, Linha Antunes e no Estado Paraná. A razão principal dessas migrações foi obviamente a busca de melhores condições de vida – o desejo de uma vida mais fácil na cidade, a vontade de assegurar aos filhos uma arrancada mais vantajosa para a vida adulta e, ainda, a fuga aos famosos e fortíssimos ventos minuanos que, depois das chuvas de inverno, sopram da serra in-

⁵ Na versão brasileira da língua portuguesa existem duas formas que definem o cidadão da Polônia: “polaco” e “polonês”. A primeira forma, típica da variante europeia, chegou à América ainda da Metrópole. Contudo, por razões históricas, adquiriu no Brasil conotações pejorativas e, por isso, seguindo o exemplo do francês *polonaise*, foi criada a forma neutra de “polonês” (Veja: Miodunka, Władysław T. (2003), *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii*, Kraków: Universitas, pp. 47-53). Os habitantes do Chapadão usam mais frequentemente a forma “polonês”, mas a consciência da diferença entre as duas formas e de sua gênese é aqui bastante fraca.

⁶ A forma apolonesada e popular da palavra “brasileiros” usada no Chapadão é “*Brazylianie*” em vez da forma-padrão polonesa “*Brazylijczycy*”.

⁷ “*Szary*” em Polonês significa “pardo, cinzento”.

⁸ Recebi as informações demográficas do Sr. Luiz Gaiginski Slachta, Presidente da associação APOLSCA e do Sr. Estêvão Badziaki.

⁹ Essas estatísticas abrangem também as famílias que, apesar de terem saído do Chapadão e se terem instalado em Orleans, continuam ligadas “organicamente” à comunidade, participando ativamente em sua vida comunitária. Bem assim, a maioria das informações, especialmente as dos capítulos dedicados à memória, tradição, religião e língua, refere-se igualmente a esta “parte externa” do Chapadão.

cessantemente por quase uma semana e arrastam de cima troncos pesados de árvores, partidas ou arrancadas. Somente em 15 destas “famílias polacas” os dois cônjuges são ambos de origem polaca.

A população do Chapadão está envelhecendo. Há somente 28 famílias de geração mais nova – onde os esposos têm 40 ou menos anos e, dentre elas, 10 são “totalmente” polacas. A mais jovem é a de Moiseis Ruzanski Selinger e Rosiani Matuchaki que têm dois filhos, Lucas e Ana Paula. O processo de envelhecimento agrava-se também por causa da mudança da estrutura de uma família típica: as famílias com prole numerosa, típicas da geração dos avós ou ainda até dos pais, desaparecem e cedem lugar às que têm dois ou um filho.

Ainda a geração dos atuais “velhinhos” recorda que o componente de nacionalidade era muito importante no momento da escolha do futuro cônjuge: um polonês procurava uma polonesa e vice versa. As pessoas hoje na faixa etária de 50 anos já não se incomodaram com a questão das raízes do futuro parceiro; para as gerações mais jovens isso também não tem muita importância. Os casais ítalo-poloneses, teuto-poloneses, luso-poloneses ou polono-brasileiros são frequentes e, em sua maioria, felizes¹⁰.

Nessa ocasião vale a pena mencionar as atitudes do povo do Chapadão em relação aos mulatos, mestiços ou negros. É necessário não se esquecer de que o interior do sul do Brasil está povoado quase completamente por descendentes de colonos brancos, de origem europeia. Por isso, os (as) namorados(as) de cor, se há, são recebidos(as) por futuros sogros e pela franja mais idosa da comunidade com um certo tipo de constrangimento e chamados(as), com uma certa dose de eufemismo carinhoso como “escurinhos(as)”. Esse comportamento não tem nada a ver com racismo e nem é uma atitude racista: antes, é tão somente mais uma reação espontânea causada por uma situação nova e desconhecida.

5. ECONOMIA – LABOR E (BOA) VIDA

Os habitantes do Chapadão são agricultores. Sua fonte de subsistência é principalmente a cultura de tabaco chamada popularmente “fumo” ou até “fuma”. Essa especialização surgiu nos anos 70 e, graças a ela, as pessoas pela primeira vez conseguiram uma fonte de rendimento estável, seguro e bom. O trabalho, contudo, é duro, habitualmente muito penoso, e envolve em geral toda a família. Todavia, nem todos aguentam tanta dureza – durante a colheita é preciso trabalhar da madrugada ao pôr do

¹⁰ Neste contexto, vale a pena ver os sobrenomes dos habitantes do Chapadão e Morro da Palha de hoje, p. ex. Guizoni Selinger, Slachta Dorregão, Galvani Matuchaki, Sacom Pahohek, Kraieski Matuchaki, Badziaki Sacom, Gaiginski Slachta, Kesting Radvanski etc.

sol, com um intervalo de almoço. O próprio trabalho exige muita resistência e muita força física, indispensável para carregar ao colo os pesadíssimos molhos de folhas de tabaco. Porém, o pior de tudo são as substâncias químicas – fertilizantes e produtos defensores agrícolas – aplicados na lavoura, que, ao cair do orvalho, ao chviscar ou chover, se colam no corpo e se infiltram através da pele para organismo, causando vômitos, dores de cabeça, vertigens e desmaios. Em boa parte do ano, o calor incriveavelmente doloroso completa o dramatismo da situação.

Apesar de este ramo de agricultura continuar a manter sua importância, na paisagem do Chapadão aparecem cada vez mais granjas. Associadas a uma cooperativa maior, as granjas bem modernas ocupam-se da produção de massa, mas altamente especializada, de frangos – desde ovos até aves prontas para o abate. Outra novidade na área de criação, que ganha cada vez mais seguidores, são granjas de porcos. Isso porque o Estado de Santa Catarina é sede de respeitadas empresas de grande porte (Sadia, Perdigão, Chapecó etc.) no ramo de industrialização de produtos de origem avícola e suína e seus respectivos derivados, não só para o mercado interno brasileiro como também para exportação. O terceiro ramo da criação lucrativa é a criação do gado para produção do leite.

No Chapadão cultivam-se também mandioca, milho, arroz, cana de açúcar, feijão, café, vegetais e frutas (p.ex. laranjas, bananas ou limões). Contudo, essas culturas têm um caráter secundário, suplementar para as quatro fontes de subsistência básicas, e as colheitas servem, em grande parte, para satisfazer às necessidades próprias da família.

Alguns habitantes do Chapadão trabalham na área de silvicultura – tratam do manejo florestal e da exploração madeireira.

Há uma atividade polonesa tradicional relacionada profundamente com a agricultura: é a produção da cachaça, aguardente à base de cana-de-açúcar, e, para aproveitar a ocasião, do melado. A marca mais conhecida do Chapadão é a cachaça do Sr. Franciszek/Francisco Slachta com nome de “Rzatki” – sobrenome de solteira da mãe do Sr. Francisco.

As propriedades rurais são espaçosas, têm 20, 30 ou mais hectares de campos, florestas e prados. Objetivamente, a avaliação da prosperidade da população do Chapadão é positiva, mas a dureza do trabalho e a dependência dos caprichos da natureza característica desse ofício fazem com que também o brasileiro agricultor de origem polaca, em plena conformidade com a tradição, goste de se queixar um pouco da vida dura e da pobreza¹¹.

¹¹ Como já mencionei, houve quem abandonou a colônia para viver na cidade esquivando-se do suor da labuta. Mas muitas das tentativas de se mudar para a cidade falharam – as maiores inconveniências da nova vida citadina foram: falta de espaço e liberdade, obrigação de trabalho nas horas definidas e impostas e necessidade de se sujeitar aos mandamentos do chefe.

6. TRADIÇÕES

6.1. CULINÁRIA

O tema das tradições polacas cultivadas no Brasil leva-nos diretamente para a cozinha. A casa polonesa do Chapadão oferece os *pierogi*, mas esses pasteis em terras brasileiras têm o aspeto e o sabor um tanto diferentes dos comidos na Polônia de hoje. Costumam ser maiores, cozidos ou fritos, recheados com o requeijão caseiro, temperados com sal, às vezes adicionalmente com cebola ou cebolinha, servidos quentes ou frios. Continuam a ser produzidas linguças, morcelas e queijos de porco. Alguns recordam com gratidão delícias da casa da mãe ou da avó – geleias de pés suínos condimentadas com vinagre ou limão e chamadas coloquialmente “pezinhos frios”, pepinos de conserva, chucrute, banha ou torresmos. Servem-se também canja com macarrão caseiro e sopa de sangue de pato chamada “czornina”¹². Mantém-se também a tradição de comer cogumelos que, nesse caso, são realmente palmitos. Não se perdeu o costume de preparar e consumir a massa caseira chamada *lane kluski* aqui apelidada de *zaciórki*¹³. Entre as delícias doces predominam biscoitos chamados *chruściki* (conhecidos no Brasil como “cuecas viradas”).

Uma das marcas inconfundíveis da cozinha polonesa é o uso da pimenta preta como um dos condimentos fundamentais, ao lado do sal. Os polono-brasileiros são provavelmente os únicos brasileiros que conhecem, cultivam e consomem raiz forte.

Em conformidade com o *etos* culinário polaco, o pão desempenha o papel imensamente importante – é o pão chamado “pão polaco”, apesar de os descendentes de imigrantes alemães cozerem e comerem um pão semelhante. “O pão polaco” – de milho, adocicado, massudo e húmido – é feito com o fermento de padeiro, batata-doce, batata-cará, farinha de milho e melado de cana de açúcar. É cozinhado em fornos de lenha tradicionais na larga folha de bananeira. Esse costume, embora funcione na consciência coletiva da comunidade polaca como importação da pátria europeia, mais provavelmente nasceu como reação de defesa contra a má colheita do trigo cultivado nos solos e no clima do sul brasileiro. O pão branco, especialmente de trigo, foi sempre a marca de luxo e aparecia na mesa por ocasião de grandes festas, tais como Natal ou Páscoa. Mesmo hoje pertence aos produtos mais exclusivos.

O hábito polaco de beber chá sempre e a qualquer ocasião não existe nas casas dos polono-brasileiros. No Chapadão, como no Brasil todo, bebe-se café, majoritariamente muito doce¹⁴; tomado tanto por adultos como por crianças, independentemente da hora. O chá chinês é praticamente desconhecido e o “chá” que se bebe ocasionalmente são infusões de ervas e frutas, confeccionadas frequentemente de folhas de

¹² O nome da sopa vem de sua cor – em Polonês dialetal *czorny* significa „preto”.

¹³ *Lane kluski* e *zacierki* são dois tipos de massa caseira. No Chapadão, atualmente, atribui-se o segundo nome à massa do tipo *lane kluski*.

¹⁴ Contudo, diz-se que é sobretudo nas casas dos poloneses que é ainda possível beber também o café sem açúcar.

diferentes plantas acabadas de apanhar nos quintais, e consideradas mais como uma espécie de medicamento natural do que um prazer.

O “chimarrão” – a erva-mate também não obteve sucesso no Chapadão – realmente é uma delícia tradicional do Rio Grande do Sul. O único consumidor fiel dessa infusão à base de erva-mate é o Sr. José Slachta, que a bebe ao abrigo de sua dieta pró-saúde, adicionando ainda folhas amargas de boldo – um fitoterápico excepcional contra todas as indisposições de barriga e estômago.

O papel da bebida “masculina” que acompanha diferentes ocasiões sociais é desempenhado pela cachaça. Nas festas, a cerveja também tem muito êxito.

6. 2. MÚSICA

Outro costume polaco, embora nascido já nas terras brasileiras, é a tradição de tocar um instrumento chamado “gaita”, quer dizer acordeão. Tradicionalmente, as comunidades polonesas eram consideradas muito amigas de festas, aficionadas de danças e alegres. Ainda vivem memórias de tardes e noites domingueiras passadas nos bailaricos organizados em casas particulares. A sabedoria popular afirma que “não há casa polaca sem a gaita”. Até hoje os sons da gaita animam todas as festas do Chapadão. A família de músicos mais famosa é a de Radvanski. Dayane Radvanski representa a terceira geração de tocadores de gaita e atualmente tenta marcar sua presença no mundo da música sertaneja ou “caipira”, o *country* brasileiro. Em 2010, Dayane gravou, por conta própria, seu primeiro CD.

O violão é o companheiro mais fiel da gaita – anima tanto eventos leigos como celebrações religiosas.

6.3. INDUMENTÁRIA

Durante dezenas de anos as senhoras polonesas eram identificadas como mulheres com o “lencinho”¹⁵ na cabeça. A origem desse costume infelizmente é desconhecida. Sabe-se que a moça no dia de casamento punha o lenço na cabeça, que usava constantemente até o fim da vida – andava e dormia com ele, tirando-o exclusivamente no momento de lavar o cabelo. Fazia assim por vontade própria, mas o marido nitidamente simpatizava com este hábito. “O lencinho” acabou por ser manifestação da identidade nacional, do estado civil e também de uma certa elegância. As últimas “mulheres com o lencinho” eram as irmãs Ruzanski. A Sra. Verônica Ruzanski Pahohek, a última das fieis, tirou-o em 2009 durante uma estadia no hospital. Convenceram-na para este gesto a nora, as netas e o conforto de manter higiene na altura de doença. Naquele momento, todos descobriram que a Sra. Verônica tinha cabelo lindo!

¹⁵ Em Polonês *chusteczka*.

7. RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

Quanto à religião, o Chapadão é quase homogêneo, quer dizer, Católico Romano. O centro da vida religiosa e comunitária situa-se na Igreja, cujo padroeiro é um mártir polaco, Santo Adalberto (em Polonês: *Święty Wojciech*). Aos domingos o culto é celebrado nela por um diácono e uma vez por mês os fieis têm a alegria da presença do Padre e da Santa Missa. Os habitantes mais idosos do Chapadão afirmam com pena que a fé nas pessoas já não é a mesma que antigamente: na Igreja há cada vez menos fieis; que aos católicos, falta-lhes o zelo de observar as práticas religiosas; que não se abstêm do trabalho nos dias santos nem praticam os jejuns. Missas e cultos são celebrados em Português, a não ser que, por ocasião de uma festividade, venha ao Chapadão de outro canto do gigantesco Brasil algum sacerdote de origem polaca. Durante as celebrações cantam-se canções religiosas, também polacas (p.ex. *Serdeczna Matko* ou cânticos de Natal). Outro traço polaco na igreja materializa-se nas imagens da Nossa Senhora de Czestochowa e do Papa João Paulo II (as imagens parecidas encontram-se nas paredes das casas particulares). No catolicismo dos poloneses do Chapadão evidencia-se o culto mariano forte e nítido, e os mais devotos encontram-se uma vez por semana para juntamente rezar o terço. O Papa João Paulo II não é só o Papa-polaco querido, o mais amado e mais ilustre compatriota, razão maior para o orgulho. Sua primeira visita ao Brasil, a Curitiba – capital da comunidade polonesa no Brasil – em julho de 1980, é geralmente considerada o acontecimento que mudou a atitude dos brasileiros perante seus compatriotas de origem polaca. Foi o momento de redescoberta e de revalorização desse grupo étnico e de sua nacionalidade ancestral.

As orações na Igreja Santo Adalberto constituem, até certo ponto, encontros de caráter também social. Regem-se com regras próprias, nem sempre exclusivamente confessionais e litúrgicas. O que surpreende o visitante da Polônia é o fato de que todos os participantes da Missa comungam. Parece que a prática deste Sacramento é vista também em dimensão comunitária. Os ofícios, especialmente as partes cantadas, costumam ser mais vivos e mais alegres que na Polônia. O momento de troca do sinal da paz do Cristo está cheio de abraços espontâneos e joviais, palmadas amistosas nas costas e beijinhos.

Antes na Igreja reinava a regra não escrita de separação dos sexos – as mulheres com crianças de colo sentavam do lado esquerdo, os homens, do direito e os jovens ocupavam um lugar separado. Mesmo que ainda hoje se possa reparar numa leve tendência de distribuição das pessoas na Igreja, esse costume já não vigora. Porém, depois das cerimônias religiosas, quando chega o momento de encontros pessoais e de troca de novidades, o conjunto dos fieis reparte-se nitidamente: as mulheres, de praxe, conversam na igreja ou na praça e os homens reúnem-se ao pé do guichê de uma lojinha, onde se podem deliciar com bebidas mais fortes; enquanto alguns aproveitam a ocasião para jogar cartas em boa companhia. A juventude, de costume, gosta de se divertir à parte¹⁶.

¹⁶ Vi uma separação semelhante durante encontros com outros grupos de poloneses organizados também nas Igrejas.

8. LÍNGUA

Os habitantes mais idosos do Chapadão, os que têm já 90, 80 ou 70 anos, consideram a língua polonesa como sua “primeira língua”. Usavam-na em casa e, com seus cônjuges, também de origem polaca, continuam a falar somente em Polonês. Tiveram de aprender “o Brasileiro” – como popularmente denominam a língua portuguesa – na escola, na idade de 10 ou 12 anos. A experiência escolar foi por isso duplamente difícil: à aprendizagem de ler, escrever e contar juntava-se a necessidade de estudar uma língua plenamente desconhecida e numa língua desconhecida. Quando constituíram suas famílias e depois do nascimento dos filhos, o Polonês continuava a ser sua língua de casa. Entretanto, as crianças cresciam e pela influência da escola e do meio lusofalantes, afastavam-se gradualmente da língua dos pais. Assim foi a história dos que hoje têm 50, 40 ou 30 anos. Esses, depois de terem contraído o matrimônio, frequentemente com uma pessoa de origem diferente, deixavam de se comunicar em Polonês. Acontecia assim porque não encontravam em casa um parceiro para conversas em língua materna. Até mesmo seus filhos, que usavam principalmente o Português, manifestavam um certo desdém em relação à fala polonesa (“riam de mim”, queixavam-se as mães). Por isso, o mais frequentemente, desistiam de utilizar o Polonês no lar. Hoje, percebem a língua mas normalmente não a usam com o à vontade. Conversam em Polonês, sobretudo com amigos, colegas ou entre os parentes. Porém, há entre eles pessoas cujo Polonês encanta verdadeiramente, como é o caso dos senhores Jan/João Radvanski ou Szczepan/Estêvão Badziaki de Orleans.

Jovens e crianças conhecem do Polonês só palavras soltas ou alguma oração que aprenderam dum dos avós.

É preciso não se esquecer de que, para o estado atual da língua contribuíram, de modo altamente negativo, a política de nacionalização do Presidente Getúlio Vargas (1930-1954) (Kula, 1987 : 206-211), bem como a posição fraca do idioma no meio dos restantes colonos: falar Polonês era considerado vergonhoso.

O Polonês usado pelos habitantes do Chapadão reflete toda a história de sua emigração para o Brasil. É uma língua nitidamente arcaica e dialetal – interessantíssimo é o fato de que ainda hoje se pode verificar nela elementos fonéticos ou lexicais típicos de diversas regiões da Polônia oitocentista. Observamos nela também uma forte influência do Português – no léxico, nos clichês, nas expressões portuguesas e ‘brasileirismos’ encaixados nas regras da gramática da língua polonesa. Não faltam empréstimos, especialmente os lexicais, das etnias vizinhas, sobretudo dos italianos e alemães. É uma língua majoritariamente falada – somente poucos, como o Sr. Józef/ José Slachta ou, já mencionado, o Sr. Szczepan Badziaki, sabem ler ou/e escrever em Polonês.

As conversas entre “um polonês da Polônia” e os habitantes “polonofalantes” do Chapadão às vezes enfrentam alguns obstáculos. Mesmo as pessoas que, com o marido ou com a mulher, falam exclusivamente e sobre todos os tópicos no idioma,

podem, está claro, desconhecer alguns elementos do Polonês-padrão contemporâneo. Problemático é principalmente o vocabulário – o âmbito de palavras da “língua polonesa do Chapadão” permite a comunicação cotidiana com outros membros da comunidade e a participação nas práticas religiosas (representantes da geração mais velha salientam, com muito orgulho, que rezam exclusivamente nessa língua), mas muitas palavras fundamentais do Polonês coloquial contemporâneo (como p.ex. a palavra *rodzice* – “os pais” ou *kuzynka* – “a prima”) não existem na sua “versão abramileirada”.

9. “URGE AMAR AS PESSOAS”¹⁷

Depois de quase 150 anos da vida além do oceano, os descendentes dos colonos europeus, apesar de possuírem a consciência de pertencerem ao povo brasileiro e usarem uma língua comum – o Português, continuam a ver-se a si mesmos e a vizinhos pelo prisma da nacionalidade dos antepassados, pois Badziaki é polonês, Vieira é português, Sacom é italiano e Kesting, alemão. No Museu ao Ar Livre em Orleans podemos conhecer sua história comum. O Museu, que abriu por iniciativa da FEBAVE – Fundação Educacional Barriga Verde, abriga peças originais e extremamente interessantes, que ilustram a história dos colonizadores nessas terras. Há ali casas de colonos, estabelecimentos agrícolas, moinho, capela, balsa, oficinas de trabalho, ferramentas, objetos de casa etc. Ainda no terreno do Museu, na Casa de Pedra, foi organizado o Museu da Imigração Conde D’Eu¹⁸, cujo acervo contém objetos de valor histórico ímpar, testemunhas dos tempos da colonização: instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, objetos de culto religioso, objetos de uso pessoal, indumentária, mobília, peças de decoro de casas, artefatos numismáticos e arqueológicos etc. Na Biblioteca Histórica Ethienne Stawiarski, componente do Museu ao Ar Livre, encontram-se raridades bibliográficas dos mais variados campos do conhecimento e da cultura, tais como Biologia, Religião, Medicina, Matemática, Mecânica, Astrologia, Psicologia, Geometria etc. Já no Centro de Documentação Histórica Plínio Benício há documentos referentes ao processo de colonização da região, às autoridades locais, à jurisprudência e ao funcionamento da paróquia de Orleans.

Como já foi mencionado, em setembro de 2009 os polono-brasileiros de Orleans, Chapadão e Morro da Palha registraram oficialmente sua organização APOLSCA –

¹⁷ Twardowski, Jan, „Śpieszmy się kochać ludzi”. In : Jan Twardowski (1979), *Poezje wybrane*, Warszawa : LSW.

¹⁸ “O museu da Imigração Conde D’Eu inaugurado em 30 de agosto de 1970, é formado de um acervo com um valor histórico grandioso. (...) Este acervo começou a ser formado em 1967, através de um trabalho realizado pelo Seminário São José e coordenado pelo Padre João Leonir Dall Alba. No ano de 2002, o museu foi reaberto para visitaçao na Casa de Pedra, no Museu ao Ar Livre”. (http://www.unibave.net/index.php?Op=conteudo_art&a=4967).

Associação Cultural dos Descendentes de Poloneses da Encosta da Serra Catarinense, cujo presidente ficou sendo o Sr. Luiz Gaiginski Slachta. Em setembro de 2010, os representantes do UNIBAVE, APOLSCA e UAM fizeram uma visita ao Consulado da Polônia em Curitiba e em 4 de abril de 2011 a Sra. Consulesa da República da Polônia, Dorota Barys, visitou o Chapadão.

Nas informações que recebo através de e-mails, posso constatar que o encontro com uma visita da Polônia encheu a comunidade polaca do Chapadão, Morro da Palha e Orleans com o espírito novo – as pessoas conversam mais em Polonês, encontram-se regularmente para sessões de filmes polacos e para ler livros polacos, mais jovens estudam a língua com o apoio da Internet e dos livros a que têm acesso, procuram contactos com os poloneses na Internet etc. Nasceu a ideia, infelizmente até agora não realizada, de organizar uma excursão para a Polônia. Parece que eles novamente se sentem (também) “poloneses”. Infelizmente, venho recebendo também novidades tristes sobre falecimentos de membros da comunidade polaca do Chapadão/Morro da Palha/Orleans.

AGRADECIMENTOS

Devo, antes de mais, agradecer à comunidade dos poloneses do Chapadão, Morro da Palha e Orleans todo o amor, terno e generoso, com que me acolheu.

Aos meus “compatriotas do Brasil”, Estêvão Badziaki e Luiz Gaiginski Slachta, agradeço sua disponibilidade, assim como a simpatia e amizade, para me fornecer informações extremamente valiosas.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com dois amigos meus, queridos e dedicados, a Doutora Barbara Łuczak e o Doutor Laércio Nora Bacelar, que me ajudaram, com seu talento, conhecimento, sensibilidade linguística e muita paciência, na correção, redação e “abrasileiramento” do texto. Agradeço, igualmente, seu apoio inestimável à ideia de revelar, em forma de um artigo científico, a “causa do Chapadão”.

Faço questão de deixar aqui meus agradecimentos calorosos ao UNIBAVE de Orleans e à Universidade Adam Mickiewicz de Poznan, cujo empenho e apoio financeiro asseguraram a realização desse projeto científico, humano e patriótico. Um *muito obrigada* especial ao Sr. Pró-reitor da UAM, Prof. Doutor Jacek Witkoś, ao Sr. Reitor do UNIBAVE, Prof. Mestre Celso de Oliveira Souza, ao Sr. Diretor do Instituto de Filologia Românica da UAM, Prof. Doutor Mirosław Loba, à Dra. Marlene Zwierewicz, ao Dr. Jair Henrique de Souza Wagner e ao Dr. Antônio João Tavares.

Minha última gratidão, dirijo-a a meus Pais, Maria e Edmund Jadwiszczak – a seu amor incondicional e ilimitado, assim como a sua sabedoria generosa, devo a felicidade de minha aventura luso-brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- DALL'ALBA, João Leonir (2003): *Pioneiros nas terras dos condes: historia de Orleans*. Orleans : Gráfica do Lelo.
- HOLANDA, Sérgio Buarque, de (2004): *Raízes do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras.
- Kula, Marcin (1987): *Historia Brazylia*, Wrocław : Zakład Narodowy im. Ossolińskich – Wydawnictwo, pp. 91-106.
- MIODUNKA, Władysław T. (2003): *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylia*. Kraków : Universitas.
- SELAU, Maurício da Silva (2009), «A colônia de Grão Pará e a origem da comunidade polonesa do Chapadão». In: Celso de Oliveira Souza & Marlene Zwierewicz (coord.) *Da 'Polska' à terra prometida. O legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão/Orleans*, Florianópolis : Editora Insular, pp. 119-133.
- SOUZA, Celso de Oliveira; ZWIEREWICZ, Marlene (org.) (2009): *Da 'Polska' à terra prometida. O legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão/Orleans*: Florianópolis : Editora Positivo.
- URL: <<http://www.unibave.net/index.php?a=4910>>. Accessed on: September 28 2012.